

TAPAR

No Dia do Papai os filhos é que são corujas

Papai, sujeito grisalho e carinhoso que nos deu a vida, agora, por ser tão bonzinho, tem também seu dia. Por isso durante semanas e semanas olhares ávidos colaram-se às vitrinas da Cidade na escola de um objeto que ele certamente adoraria possuir. Assim, na mais carinhosa das buscas vão desde crianças que mal sabem andar até os mais importantes e ocupados homens de negócio. Não escapam nem mesmo aqueles mais jovens que mantêm uma guerra constante com o papai por causa de alguns probleminhas como mesada, cigarros e, na maioria das vezes, pela chave do automóvel (que quase nunca é emprestada). Até as meninas esquecem zangas de chegar tarde, não gostei do namorado ou este vestido novo é simplesmente horrível. Mas todos, todos, adoram a cara sisuda e o jeito carinhoso que só ele tem no mundo, porque só ele é o papai. Quanto a eles mesmos há pouco a dizer. São sempre iguais. Homens de negócio, médicos, artistas, bancários, escritores, funcionários... Diferenças que só existem na hora do expediente. À noite, depois da metamorfose, sentados na mais confortável poltrona, do canto da sala, a ouvir tagareladas, todos eles ficam iguais: todos pela mais nobre condição: de ser Papai. Vejamos.



Paula Chaves



Alfredo Souto de Almeida

ALFREDO SOUTO DE ALMEIDA

Quem o conhece sabe que, durante 12 horas por dia, seus minutos são vigiados pela austeridade de um cronômetro. Advogado, teatrólogo e professor, revela-se ainda um dos maiores expertos em televisão. De sol a sol ouve muitas vezes tilintar a campainha de seu telefone, através do qual mantém contacto permanente com patrocinadores e business-man internacionais. Muitas vezes, entretanto, com um simples alô do outro lado do fio, Alfredo deixa substituir por um simples sorriso todo aquele aplomb britânico que o acompanha nas horas de trabalho. E o responsável pela transformação é Marcelo. A partir daquele instante nos foge dos olhos o sério homem de negócios para dar entrada em cena a um papai, dos mais corujas.

Após 10 anos de casamento foi que Marcelo chegou. Esperou todos aqueles anos para realizar sua entrada solene no lar Souto de Almeida, quando tudo estivesse preparado para sua recepção. É um jovem dos mais aristocráticos, em seus dois anos de idade, com um par de olhos vivíssimos num rostinho moreno. A disciplina ainda é fator comum em seus hábitos. A boémia diante da televisão não deve ultrapassar as 20 horas ou será interrompida bruscamente pela voz do papai. A ordem é reconhecida ao longe e denunciada por um riso gostoso e alguns pinotes no colo da mamãe.

Como aristocrata e varão que é, Marcelo está aos poucos se tornando um gourmet de primeira, e por isso não consegue dispensar uns instantes de repouso ao lado de uma lata cheia de biscoitos. A literatura também já está em seus hábitos e atualmente ele anda folheando Os Mamíferos, de Flávia Silveira Lôbo. Da verdadeiras ilções sobre popótamos e zirafras, a todos os que vão visitá-lo. Então, quando chega o fim-de-semana, o papai coruja lhe proporciona umas horas de farta no aeroporto, onde, diante de bebidas e caravelas, Marcelo esquece tudo, inclusive a infalível lata de biscoitos. Alfredo não vê nesta tendência a vocação de seu filho. Marcelo é quem irá decidir. Mas a corujice paterna acredita que ali está um futuro grande ator, com uma voz modulada de fazer inveja a muito Gerard Phillippe. Por enquanto, entre piscinadas, passeios, leituras e latas de biscoitos, Marcelo conquista seus domínios, sob o olhar terno e a desenfreada corujice do papai Alfredo.

IVA SERPA

Ivã, como artista que é, dispensa apresentações. Mas o que muitos não sabem é que, além de pintor premiado que concorre à Bienal, ele é papai de Ives Henrique, Lella, Heraldo e mais 100 crianças. O coração dá para todos, os três filhos que ficam em casa e a centena de alunos que aprendem com ele no Museu. De cinco a 14 anos varia a idade dos meninos que diariamente encontram naquele senhor baixinho e sisudo as lições de um gênio e a bondade de um amigo. Como papai esperto, Ivã já percebeu várias tramas que no fim escondem um embrulho de presente com laço e tudo. E o pior é que a mãe dos meninos é a grande aliada do complet que se arma em sua própria casa. Ter um dia para homenagear os pais é ótimo, se bem que para ele exista seu dia o ano todo. Em casa os filhos nunca esquecem de presentear-lo. Um tubo de tinta ou qualquer outra coisa miúda faz o mesmo efeito de alegrar o papai. Os pequeninos do Museu de Belas Artes também estão sempre se lembrando do professor de desenho. E lá vem de vez em quando, uma gravata de quem sempre o viu de traje esportivo, ou uma lapiseira de trou-

co de árvore para lembrar ao artista abstrato que a natureza também existe. Não são uns amores?... A única coisa difícil e necessária no caso é que, além de camarada e amigo, o pai saiba educar dentro de um clima de energia e respeito. Hoje, com as constantes desagregações da família, Trã está contentíssimo em ser, neste domingo, o papai de cento e tantas crianças.

DR. JOSÉ DE PAULA CHAVES

Foi uma espécie de papai que todos nós conhecemos. Nosso médico pediatra. Cria-tura dedicada que tantas vezes velou à sombra de um berço para afastar aquelas horríveis doenças infantis. Hoje, ou ele continua sua missão com nossos filhos ou então, se não os temos, somos quase obrigados a procurá-lo de quando em quando em busca daquele sorriso bonachão que nos traz sempre o gosto doce de infância recuperada.

Não é de admirar vê-lo pelas ruas ou em reuniões cercado de moças e rapazes barulhentos que foram outrora clientes bochechudos e chorões. É a maior das alegrias, que repete cada vez o sentimento de dever cumprido. Além de nosso papai o Dr. Paula Chaves é muitas outras vezes pai. Tem uma família enorme cheia de filhos e já com um número considerável de netos. Quatro filhas, um filho e cinco casais de netos. Outros a caminho.

E lá está o avô que é pai de cinco filhos e foi nosso pai pela dedicação, corrente de casa para a clínica na pressa de atender a novos bebês tristes, rabugentos e febris. Amanhã mais um rapaz sorridente e tagarela para fazê-lo parar na rua e rir nas reuniões mais cacetes.

FERNANDO TORRES

Fernando Torres, marido de Fernanda Montenegro, estreou várias peças de sucesso, mas só agora, depois de 10 anos de casamento, é que acaba de estrear na vida dura e preocupada de pai. Há muito o casal já esperava a chegada de um garoto que viria completar o elenco familiar. Até que no dia 8 de julho, Cláudio decidiu chegar, fazendo de Fernando o mais novo dos pais de teatro. Depois de tanto tempo a chegada foi absolutamente triunfal, com choro fãhoso, sem entonações ou pausas artísticas. Vovô Torres também mereceu um parágrafo na aventura. Sendo mimado, é adepto da teoria de que uma criança é indispensável num verdadeiro lar. Foi o maior torcedor da vinda de Cláudio. E lá está o neném envolto em grossas mantas de lã, com olhinhos ainda fechados para a família alegre que o cerca.

Por ocasião do Dia do Papai, um pai novinho em folha é o indicado para ter a palavra. E Fernando Torres acabou por esquecer scripts e spot-lights para nos falar de sua mais nova criação.

— Cláudio, em seu primeiro mês, não tem ainda grandes revelações a fazer. Mas vê-se que será um menino excepcional. Chora na hora que tem que chorar e já dá suas risadas. Com um grito fãhoso reclama sentir fome ou chama a atenção da mamãe, evitando desastres. Quando crescer, quero que Cláudio tenha muitos amigos, vá ao colégio e seja travesso. Só não pretendo vê-lo como geniozinho da vizinhança. Esta façanha fica para o Vitor de Vitrac. Quanto ao futuro, não sei. Respirando o oxigênio teatral de casa, é bem possível que ele siga o caminho do palco. Se assim for, muito em breve nós teremos nosso teatrinho a três.

Depois de tão importantes declarações Fernando não pôde resistir. Deu uma olhadela no guri que dormia.

— Olhe, é a minha cara. Só falta a barbicha.



Ivã Serpa

Contemporânea